

O REI DA VELA

Oswald de Andrade

Escrito a partir de 1933, depois da crise mundial de 1929 (em que Oswald fora arruinado), da Revolução de 30 e da Revolução Constitucionalista de 32, o texto manifesta a imensa amargura de Oswald, forçado a percorrer infundáveis escritórios de agiotagem para equilibrar-se financeiramente.

Esse seu contato forçado com agiotas foi, provavelmente, a causa da caracterização de um agiota como Rei da Vela. Mas o texto supera a experiência pessoal de Oswald: ele fornece, sem falsas sutilezas, os mecanismos da engrenagem em que se baseia o esquema sócio-econômico do país.

A história se inicia no escritório do agiota Abelardo I, o Rei da Vela. Burguês enriquecido à custa da privação alheia, Abelardo I também fabrica velas, produto de consumo certo em um país cheio de superstições, onde todo habitante, antes de morrer, exige uma vela na mão. A vela simboliza também a incipiente industrialização do Brasil, onde ainda não se fabricavam sofisticados produtos de consumo.

No primeiro ato, Oswald demonstra didaticamente varas facetadas do personagem: surge Abelardo II, empregado de Abelardo I, eu pretende supera-lo. Entra um devedor que Abelardo I explora há anos e decide executar. Vários devedores são mostrados gritando através de uma jaula. Transcorre uma cena em que são examinadas as contas dos clientes, dando uma idéia do funcionamento do escritório em após uma cena com a secretária, entra Heloísa de Lesbos, noiva de Abelardo I.

Até mesmo a escolha dos nomes é irônica: Abelardo e Heloísa são dois famosos amantes da Idade Média. Mas, entre os noivos de Oswald, não há idealismo: Heloísa casa-se por interesse, fato sabido por Abelardo I, que também vê vantagens na aliança. Na verdade, Heloísa é membro de uma família da aristocracia rural falida e Abelardo I, da burguesia em ascensão. O casamento entre ambos é uma metáfora: com ele, Oswald simboliza a união entre essas duas classes sociais.

Surge um intelectual - Pinote - e o autor aproveita para mostrar a relação dos intelectuais e artistas com o poder: ou o artista aceita seu compromisso social ou, como Pinote, decide servir à burguesia. Não existe neutralidade possível. Com a saída de Pinote, um diálogo entre Abelardo I e Heloísa volta a defini-los como elementos das classes abastadas, que vivem do suor dos trabalhado-

res. Em seguida, Abelardo I prepara-se para a chegada do representante do capital estrangeiro, Mr. Jones. Com esta última personagem, Oswald completa o triunvirato que rege o país: a aristocracia rural (Heloísa) que se une à burguesia nacional (Abelardo I), para melhor servir ao capital estrangeiro (Mr. Jones).

Assim, logo no início do segundo ato, que se passa em uma ilha tropical na baía de Guanabara, surge Heloísa em franca camaradagem amorosa com Mr. Jones. Oswald utiliza a técnica da concentração de personagens com desvios (em geral sexuais) em uma só família para explicar a decadência da aristocracia rural. Assim, Heloísa de Lesbos possui, como o próprio nome indica, tendências homossexuais. D. Cesarina, sua mãe, mostra-se francamente acessível às investidas amorosas de Abelardo I. Totó Fruta-do-Conde, o irmão homossexual, acaba de roubar o amante da irmã, Joana, sarcasticamente apelidado João dos Divãs. O coronel Belarmino, pai de Heloísa e chefe da família, suspira por um mundo em decadência, o mundo da aristocracia rural. E Perdigoto, outro irmão da moça, bêbado e jogador, é um fascista que planeja organizar uma "milícia patriótica" para conter os colonos descontentes - idéia que interessa a Abelardo I, desde que ela possa ser utilizada para a manutenção da ordem social de que depende sua riqueza.

Os desvios sexuais continuam sendo identificados com a decadência da aristocracia rural. O americano interessa-se pelo chofer e, finalmente, D. Poloca, pilar das tradições aristocratas e virgem com mais de sessenta anos, sente-se tentada a passar uma noite com Abelardo I.

O último ato, tortuoso e alegórico, ocorre no escritório de usura. Abelardo I foi roubado por Abelardo II. Perdeu tudo o que tinha e vai suicidar-se. Abelardo I lembra a Heloísa que ela se casará com Abelardo II, o ladrão. Morre o homem, mas o sistema permanece. Antes de morrer, Abelardo I mostra-se uma personagem consciente ao discutir com Abelardo II, garantindo que a burguesia está condenada e que os proletários se unirão para tomar o poder. Mas que até esse dia os dois, a aristocracia rural e a burguesia nacional, continuarão submetidos ao americano - o capital estrangeiro. Apesar de sua consciência, pede uma vela antes de morrer. Recebe uma vela das mais baratas e, falido, o Rei da Vela será enterrado em

uma vala comum. A peça termina aos acordes nupciais do casamento de Abelardo II com Heloisa. O americano comenta: "Oh! Good Business!"

No texto, com grande poder de síntese, Oswald usa elementos que só seriam descobertos muito depois pela dramaturgia brasileira. Um deles é o rompimento com a ilusão teatral (sem ter lido Brecht). Assim, logo após a saída do cliente, Abelardo I afirma: "esta cena basta para nos identificar perante o público".

Desse modo, a peça recusa-se a cair o ilusionismo teatral. Por sua vez, as personagens representam estágios de uma sociedade, não necessitando de diferentes nomes, desde que ocupem a mesma função. É o caso de Abelardo I e Abelardo II, ambos representantes de um mesmo setor da burguesia nacional. As figuras em cena caracterizam-se como anti-heróis, expressões negativas de um mundo decadente. E o texto é cheio de sarcasmos traduzidos em uma linguagem rica e brilhante que lhes confere uma ciranda de significados.

A peça demorou trinta anos para ser apresentada em São Paulo, pelo Grupo Oficina, sob a direção de José Celso Martinez Correa; a encenação marcou época na história do teatro brasileiro

Quando de sua primeira apresentação, em 1968, o texto causou grande impacto sobre o público. Este se manifestou das mais diversas formas, desde afirmações que definiam o espetáculo como "ridículo e pornográfico" a opiniões que viam nele "uma crítica da atualidade". Não houve, porém, ninguém que permanecesse indiferente.

<p>A Vestibulando Web Page agradece à Prof. Carla Fagundes pela análise da Obra "O Rei da Vela" e pela autorização para disponibilizá-la no site.</p>
